

# A República, o General e a Justiça

(Especial para o "Correio do Povo")

## GUSTAVO CORÇÃO

25-11-58

A República fez sessenta e nove anos, no sábado, mas não parece ter ainda acertado os modos e as atitudes que convêm a uma senhora de idade. O general Henrique Teixeira Lott também fez anos, menos nove ou dez do que a República, creio eu, e também não parece ter a idade que tem. A festa da República foi no sábado e transcorreu chocha e quente; a do general está programada para a segunda-feira, 17, com o atrativo de um desagravo solenemente anunciado pelo serviço de imprensa do Ministério da Guerra. Enquanto a oposição mobiliza seus próprios recursos para precaver-se contra qualquer ameaça vinda do cotê de chez Lott, o general mobiliza os recursos do Ministério para sua própria exaltação. O jogo, como se vê é desigual. E ainda convem lembrar que além dos recursos da velha aniversariante, o general conta com o apoio de certos jornais que nele apontam, como ontem li num deles, o cidadão exemplar que entrega à Justiça suas queixas e a ela se submete inteiramente. Pobre Justiça! é outra velha que nem faz anos, porque ficou caduca e sua origem se perde na noite dos tempos. O que se sabe dela e de suas relações com o General Lott é que nem sequer foi ouvida naquele 11 de novembro de três anos atrás. Depois disso quebraram-lhe a cara ali no V Distrito Policial. Mas é verdade — nisso o jornalista ainda bem informado e tem toda razão — é verdade que o general Lott, entre uma coisa e outra, entre a deposição do Presidente e a história do V Distrito, tem dado certos sinais de acatamento pelos aparelhos da Justiça. Tem colecionado processos contra jornalistas. Para quê? Por que? Não sei. Já confessei publicamente que não entendo bem os gestos e as atitudes do general Lott, e até acrescentei a estranheza que me causam os paradoxos, que não combinam bem com seu tipo psicológico e mental.

Na verdade, pretender que o general Lott tenha um grande respeito pela Justiça, como quis de-

monstrar o sr. Danton Jobim, parece-me um pouco excessivo. Isto me faz lembrar o outro jornal, que está publicando em folhetim o romance de Pasternack, e que me mandou entrevistar pelo telefone a respeito de tal iniciativa. Respondi ao moço que achava boa a idéia desde que fosse boa a tradução, mas fazia questão que ele crescesse a minha estranheza pelo fato de tal iniciativa partir de um jornal que em todas as outras circunstâncias prestigia os partidos e os personagens ligados aos algozes do mesmo Boris Pasternack. O moço entrevistador gaguejou qualquer coisa, dando-me razão, mas acrescentou esta observação sublime: "...mas nesse episódio nós estamos coerentes". A coerência do jornal durava cerca de vinte e quatro horas. Podemos imaginá-las ainda mais curtas. Coerências de duas horas, ou até de dois minutos. Assim é também o respeito à lei que se observa nas estampilhas e nos protocolos de um processo, mas não é bastante ampla para abranger o inquérito da depreação do V Distrito Policial, e muito menos para explicar cabalmente o 11 de novembro de três anos atrás.

Mas se os amigos da oposição e do "Diário de Notícias" me permitem uma franqueza total eu lhes direi que tiveram certa culpa, culpa especificamente jornalística, no episódio que deu lugar às expansões do general Lott. Eu acho que houve erro, erro de valorização, de hierarquização, no destaque dado aos incidentes da Aeronáutica. Posso estar enganado, mas penso que seria mais acertado, mais democrata, mais civilista, dar a notícia do acontecimento lá na sexta ou sétima página, e não passar do corpo doze. Acho que é preciso colocar os feitos militares nos seus devidos termos e que o melhor que temos a fazer, neste ano e meio que nos separa da sucessão, é torcer por dias tranquilos em que a situação se afunde por seu próprio esforço e em que trabalheemos nós pelo candidato capaz de livrar o Brasil da praga que o vem infelicitando.